



Da metodologia de pesquisa à análise do processo de fragmentação socioespacial em cidades brasileiras

From research methodology to the analysis of the socio-spatial fragmentation process in Brazilian cities

Maria Encarnação Beltrão Sposito e Igor Catalão

Resumo

A realização de pesquisas em ciências sociais supõe muitos desafios aos pesquisadores, especialmente no que tange às definições de natureza metodológica. Isso se revela particularmente desafiador quando se trata de trabalhar com material produzido a partir de procedimentos qualitativos. Além de delinear os aspectos que dizem respeito ao modo como a pesquisa é feita –por exemplo, quem entrevistar e onde, que roteiro usar, quais os contextos de realização de uma entrevista, que precauções tomar etc.–, deve-se também precisar os modos de interpretar os conteúdos produzidos visando a perspectiva analítica eleita. A partir de uma pesquisa feita em dez áreas urbanas brasileiras sobre o tema da fragmentação socioespacial, propõe-se, neste artigo, uma forma de analisar conteúdos de entrevistas feitas com cidadãos. Para isso, apresenta-se o quadro geral de realização da pesquisa – incluindo objetivos, enquadramentos de método e procedimentos metodológicos – para, então, desenvolver uma proposta de pauta em três categorias originalmente desenvolvidas pelo pesquisador francês Hervé Breton para proceder à interpretação de narrativas: espaciotemporal, experiencial e inferencial. Embora a proposta de metodologia para interpretar narrativas registradas esteja apoiada em entrevistas realizadas em dez áreas urbanas brasileiras, neste artigo, apresenta-se apenas um exemplo, relativo à análise de uma delas feita em Chapecó, uma cidade do estado de Santa Catarina. O texto é concluído com alguns apontamentos de síntese.

Palavras-chave: pesquisa urbana; fragmentação socioespacial; metodologia qualitativa; categorias de interpretação; cidades brasileiras.

Abstract

Conducting research in social sciences poses many challenges to researchers, especially regarding the definitions of methodological nature. This is particularly challenging when it comes to working with material produced from qualitative procedures. In addition to outlining the aspects that relate to how carry out the research – for example, who will be interviewed and where, what script will be used, what contexts to conduct an interview, what precautions to take etc. –, one must also specify the methods of analysis of the contents produced. Based on a research carried out in ten Brazilian urban areas on the theme of socio-spatial fragmentation, this article proposes a way to analyse the contents of interviews with city dwellers. To this end, the general framework of the research is presented – including objectives, method, and methodological procedures – to then develop a proposal for analysis based on three categories originally developed by the French researcher Hervé Breton to interpret narratives: spatiotemporal, experiential, and inferential. Although the proposed methodology for interpreting recorded narratives is based on interviews carried out in ten Brazilian urban areas, in this article, only one example is presented, related to the analysis of one of the cities carried out in Chapecó, a city in the state of Santa Catarina. The text is concluded with some summary notes.

Keywords: socio-spatial fragmentation; qualitative methodology; interpretation categories; Brazilian cities.

1. Introdução

A realização de pesquisa coletiva visando a análise do processo de fragmentação socioespacial¹ apresenta desafios de diferentes ordens: a clara definição do objeto, as questões que orientarão a investigação científica, a fundamentação teórica, o contexto de enquadramento do processo, a metodologia para a condução da pesquisa e mesmo as formas de organização do trabalho da equipe. Tais desafios emergem desde a elaboração do projeto e vão até as ações postas em curso no desenvolvimento da pesquisa, inclusive em seu período inicial. Há, no entanto, outros desafios que se apresentam à medida que temos os primeiros resultados oriundos da execução da metodologia e que são, portanto, afeitos ao plano mais da interpretação que orienta a sistematização do material da pesquisa e de sua respectiva análise do que da consecução, embora haja estreita relação entre ambos.

É a metodologia para interpretação do material produzido em pesquisa o foco deste texto, que é elaborado como parte das reflexões de natureza metodológica que ocorrem no âmbito da pesquisa intitulada *FragUrb –Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos*.² Refere-se ao modo de sistematizar o material obtido por uma de suas frentes metodológicas –entrevistas– mas, em grande medida, pode auxiliar outras frentes. Tendo em vista este perfil, o texto se enquadra como um detalhamento sobre as formas de interpretação do material produzido empiricamente.

Tratamos de produção e não de obtenção de dados ou resultados pois, conforme esclarece Turra Neto (2012), a menos que os dados utilizados estejam disponíveis para serem diretamente tratados, como os que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) disponibiliza *on-line*, por exemplo, todo o processo de pesquisa se desenvolve para sua produção. Isso significa que os dados não estão disponíveis na realidade de forma a que possamos simplesmente coletá-los, em particular quando se trata de conteúdos extraídos de falas de cidadãos que foram entrevistados. É necessário um esforço de preparação da pesquisa e sua execução para, só então, acessar os resultados.

De partida, parece-nos adequado informar que a proposta analítica que aqui se empreenderá não é fenomenológica, à qual muitas vezes se atribui a associação com a pesquisa de perfil metodológico qualitativo, pois o que se deseja compreender não é um fenômeno circunscrito ao indivíduo, mas à cidade em suas relações com os sujeitos que as habitam, suas experiências e práticas, face aos processos contemporâneos de produção do espaço.

A tessitura das ideias que apresentamos é, assim, orientada pelo interesse de expor como escolhas foram feitas e metodologias desenvolvidas, caminhando da abstração à ação e retornando à reflexão, ou seja, o foco não recai, de forma prevalente, sobre os resultados da pesquisa, embora eles já estejam se consubstanciando, mas sim sobre o caminho em curso para a sua obtenção. Esperamos, com essa opção feita para o texto, oferecer algum apoio a outros pesquisadores que estejam realizando ou desejem realizar pesquisa urbana.

¹ A expressão fragmentação urbana também é usual, especialmente nos países de língua espanhola e francesa, porém usaremos o adjetivo socioespacial para reforçar que se trata de um processo, ao mesmo tempo, social e espacial, com suas interdependências, na direção da ideia de dialética socioespacial desenvolvida por Soja (1993).

² FragUrb é um projeto de pesquisa temático, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, processo 2018/07701-8), e desenvolvido no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Presidente Prudente. Este texto oferece base também a outra pesquisa, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no âmbito do Programa de Apoio aos Núcleos de Excelência (Pronex), intitulada “Urbanização contemporânea: reestruturação e desigualdades socioespaciais”, em curso na Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), que os autores integram. O trabalho de interpretação das narrativas e a redação do texto deu-se principalmente durante o período em que os autores estiveram como pesquisadores convidados no Cessma/IRD/Université Paris Cité, França. Agradecemos às instituições o apoio financeiro recebido assim como aos colegas o trabalho coletivo de pesquisa e os debates que possibilitou.

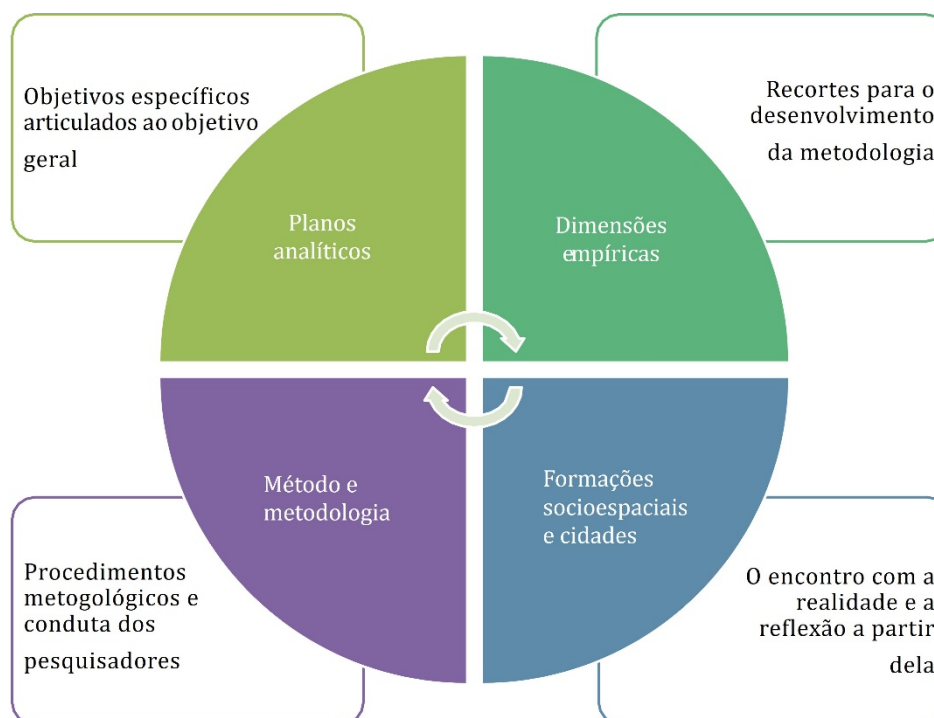
O caminho que apresentamos neste texto tem forte relação com o processo em análise –o de fragmentação socioespacial–, mas poderia ser adaptado para a organização de narrativas registradas em outras pesquisas, que tenham outros processos, dinâmicas ou fenômenos como foco, semelhantes ou não, razão pela qual consideramos que pode ser uma contribuição no campo da metodologia de pesquisa em Ciências Sociais.

Entretanto, como o caminho metodológico não é estabelecido completamente *a priori*, mas emerge no decorrer da realização de uma dada pesquisa, consideramos importante, de modo sintético, apresentar o objeto da pesquisa e a forma como ela se estrutura –em planos analíticos, dimensões empíricas e frentes metodológicas–, o que será feito na primeira seção deste artigo. Na segunda, o foco recai sobre a frente metodológica eleita –a das entrevistas– para, na seção seguinte, ser desenvolvida a metodologia analítica aplicada à sistematização das narrativas registradas. Com o objetivo de tornar mais claro o caminho escolhido, na quarta seção apresentamos um exemplo de aplicação da metodologia analítica, o que poderá auxiliar a melhor visualizar nossa proposta. Para finalizar o artigo, são apresentadas considerações finais contendo algumas sínteses e uma pequena observação acerca dos limites e desafios da pesquisa qualitativa.

2. A estruturação de uma pesquisa sobre fragmentação socioespacial

A pesquisa que gera as reflexões de que são objeto este artigo está estruturada em quatro aspectos, cujas naturezas são diversas entre si e, por tal, complementares: planos analíticos; frentes metodológicas; dimensões empíricas; e formações socioespaciais e cidades estudadas. A Figura 1 sintetiza essa estrutura.

Figura 1. Estrutura da pesquisa



Fonte: Extraído de Sposito (2018: 11).

Partindo do objetivo geral do projeto: “Compreender, no plano da cidade e do urbano, como a lógica socioespacial fragmentária altera o conteúdo da diferenciação e das desigualdades, redefinindo os sentidos do direito à cidade” (Sposito, 2018: 10), buscamos estabelecer planos analíticos vinculados aos objetivos específicos, como mostra o esquema da Figura 2.

Figura 2. Planos analíticos e objetivos específicos

1. CENTRO, CENTRALIDADE, POLICENTRALIDADE E MOBILIDADE

Analisar a passagem da lógica socioespacial predominantemente centro-periférica para a lógica socioespacial fragmentária.

2. PRÁTICAS ESPACIAIS E COTIDIANOS

Interpretar a fragmentação socioespacial por meio das formas contemporâneas de diferenciação e desigualdade, a partir das práticas associadas ao cotidiano urbano.

3. ESPAÇOS PÚBLICOS

Compreender os desdobramentos da lógica socioespacial fragmentária sobre o par espaço público-espço privado.

4. PRODUÇÃO E CONSUMO DA HABITAÇÃO

Identificar e analisar o papel das instituições políticas, dos agentes econômicos hegemônicos e dos sujeitos sociais não hegemônicos na produção e consumo da habitação, sob a lógica socioespacial fragmentária.

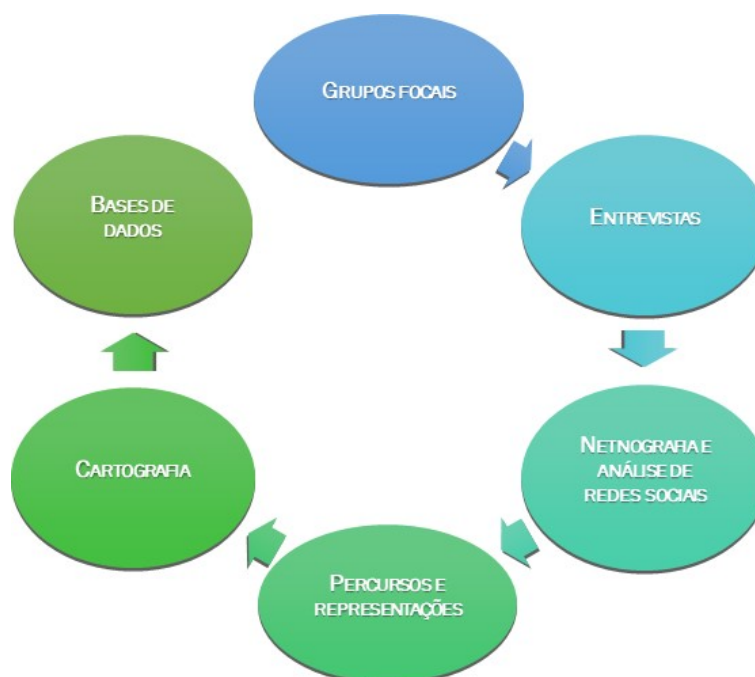
Fonte: Adaptado de Sposito (2018).

A metodologia de interpretação proposta neste artigo vincula-se diretamente ao Plano Analítico 2 -Práticas espaciais e cotidiano- e mostrou-se necessária justamente em decorrência do caráter transversal deste plano, como será justificado na seção 3 do texto. No entanto, consideramos que ela pode ser adotada para outros planos analíticos da pesquisa.

Para o objetivo central deste texto, o esquema da Figura 3, relativo às frentes metodológicas, deve ser observado com atenção especial no caso das entrevistas, embora a reflexão aqui apresentada possa ser adaptada para a interpretação das narrativas obtidas com a frente metodológica grupos focais e até mesmo, de modo parcial, para a frente percursos e suas representações.

Como se pode observar, as frentes metodológicas vão daquelas de natureza essencialmente qualitativa (grupos focais; entrevistas; percursos e suas representações), para as de perfil quali-quantitativo (netnografia e análise de redes sociais) até chegar nas que propiciam sistematização cartográfica e estatística de dados e resultados, sendo, portanto, mais quantitativas, ainda que o trabalho de seleção e agrupamento seja sempre de natureza analítica, o que requer portanto um posicionamento qualitativo (cartografia; banco de dados).

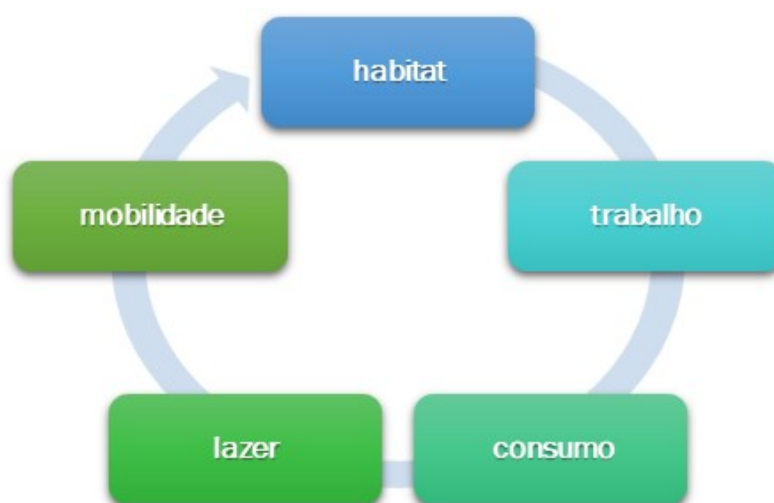
Figura 3. Frentes metodológicas



Fonte: Adaptado de Sposito (2018).

Definidos os planos (objetivos) e as frentes metodológicas (formas de condução da pesquisa), era necessário estabelecer prioridades para dirigir o olhar do pesquisador, razão pela qual, no âmbito da equipe, houve um grande esforço de selecionar dimensões empíricas que funcionariam como “portas de entrada” para nossa aproximação das cidades estudadas. Foram eleitas as cinco dimensões representadas na Figura 4, que ganham maior ou menor relevância conforme o plano analítico eleito, a frente metodológica em curso e a cidade em foco. No que se refere ao Plano Analítico 2 –Práticas espaciais e cotidiano–, pelo seu perfil, as cinco dimensões têm se revelado muito importantes, ainda que esse peso varie de cidade para cidade, de entrevistado a entrevistado.

Figura 4. Dimensões empíricas



Fonte: Adaptado de Sposito (2018).

Por fim, destacamos que estão sendo pesquisadas dez áreas urbanas brasileiras, que pertencem a formações socioespaciais regionais diversas e que têm estatuto político-administrativo, tamanhos demográficos, complexidade funcional e posição na rede urbana também diferentes. Foge ao escopo deste artigo um detalhamento desses aspectos, que são relevantes para as análises que decorrerão da adoção da metodologia apresentada neste artigo. No entanto, apresentamos, no Quadro 1, algumas informações básicas sobre essas áreas urbanas e, na Figura 5, a posição geográfica delas no Brasil.

Quadro 1. Informações sobre as áreas urbanas estudadas

Áreas urbanas estudadas	Grande Região	Tamanho demográfico municipal (a)	Posição na rede urbana (b)	Estatuto político-administrativo
Chapecó	Sul	254.785	Capital Regional B	Sede de município
Dourados	Centro-Oeste	243.367	Capital Regional C	Sede de município
Ituiutaba	Sudeste	102.217	Centro Sub-regional B	Sede de município
Marabá	Norte	266.533	Capital Regional C	Sede de município
Maringá	Sul	409.657	Capital Regional B	Sede de município
Mossoró	Nordeste	264.577	Capital Regional C	Sede de município
Presidente Prudente	Sudeste	225.668	Capital Regional C	Sede de município
Ribeirão Preto	Sudeste	698.642	Capital Regional A	Sede de município
Cidade Tiradentes (c)	Sudeste	211.501	(e)	Distrito de São Paulo (g)
Pimentas (d)	Sudeste	450.000	(f)	Distrito de Guarulhos (g)

(a) Resultados do Censo Demográfico 2022 do IBGE, disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>

(b) Região de Influência das Cidades, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=acesso-ao-produto>

(c) Não há ainda informação disponível sobre bairros e distritos, por isso foi considerada a informação relativa ao último Censo Demográfico, realizado em 2010. Dados extraídos de: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/historico/index.php?p=94

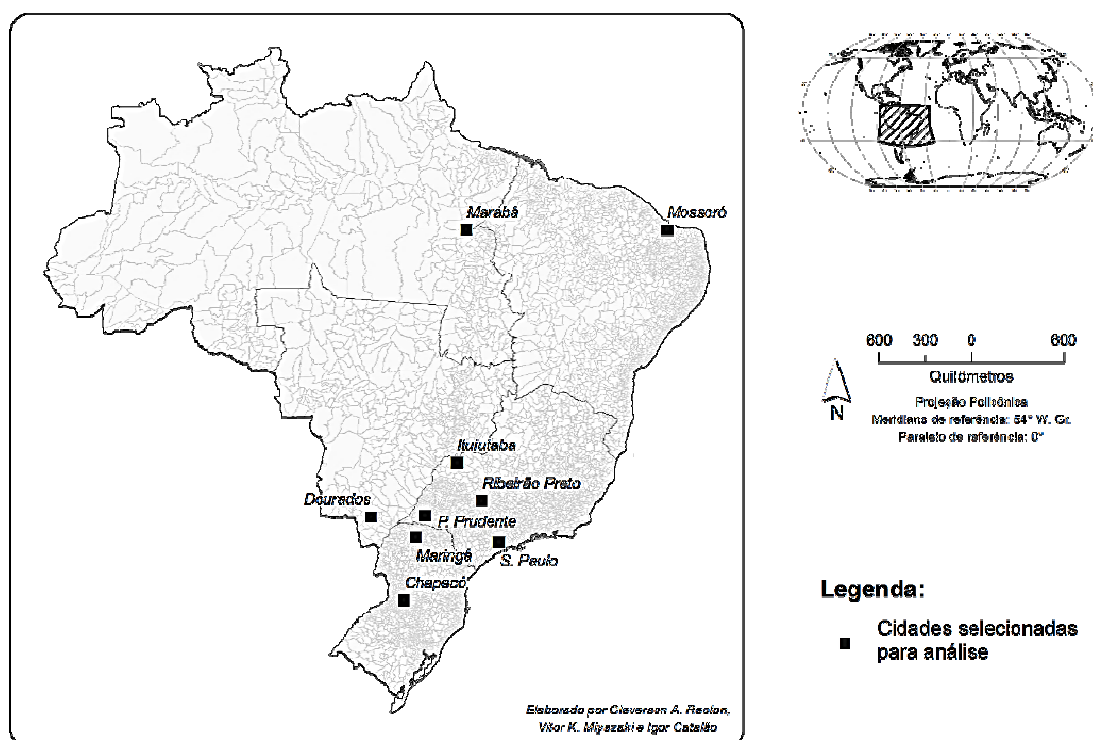
(d) Distrito formado por mais de 60 bairros, cuja estimativa demográfica mais recente é de 2011. Extraído de: <https://jornalregionalnews.wordpress.com/2011/12/07/bairros-em-destaque-pimentaspimentas-e-um-distrito-com-mais-de-60-bairros-em-seu-interior-e-populacao-de-450-mil-habitantes/>

(e) O município de São Paulo, ao qual pertence o distrito de Cidade Tiradentes, ocupa posição de Grande Metrópole Nacional na hierarquia urbana brasileira.

(f) O município de Guarulhos compõe a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) e o Arranjo Populacional de São Paulo (IBGE), por isso é constitutivo da sua posição na hierarquia urbana.

(g) Divisão administrativa interna às respectivas cidades, composta por um conjunto de bairros, que guardam articulação espacial e identidade socioespacial. O distrito de Pimentas é parte do município de Guarulhos.

Figura 5. Posição geográfica das cidades pesquisadas no território brasileiro



Fonte: Sposito (2018).

3. As entrevistas como instrumento metodológico

A tradição da pesquisa urbana, em particular na Geografia, assenta-se em investigações científicas a partir da produção de dados quantitativos que possam fornecer uma leitura ampla das cidades, deduzida a partir da repetição das situações verificadas empiricamente. Essa tradição consolidou um corpo teórico-conceitual e metodológico robusto que, em paralelo com os requisitos positivistas da ciência como um todo, conferiu rigor e credibilidade às leituras feitas. Isso não quer dizer que não haja razão para avançar, deslocando-se um pouco da tradição a fim de incorporar uma compreensão mais contemporânea das ciências sociais, comprometidas com a ideia de que as leituras que fazemos são as possíveis e circunscritas aos objetos e sujeitos sociais analisados.

Dessa forma, para avançar na análise da fragmentação socioespacial, é necessário – além do levantamento de dados e da produção de mapeamentos sobre a estrutura, a diferenciação e as desigualdades existentes nas cidades –, dar voz aos sujeitos para nos aproximarmos do nível das práticas espaciais e dos imaginários sociais. Dar voz aos sujeitos significa desenvolver procedimentos de natureza qualitativa, ou seja, aqueles cujo dado produzido é, na verdade, um conteúdo textual narrativo do sujeito a partir do qual se induz uma compreensão de sua realidade urbana, condicionada pela inevitável interferência do momento da pesquisa e da interação estabelecida entre as partes envolvidas: pesquisador e pesquisado (Góes et al., 2019).

No âmbito desta pesquisa, a fim de contemplar os planos analíticos selecionados e as dimensões empíricas elencadas, recorreremos às entrevistas com cidadãos como modo de obter informações a partir duma interação dialógica, intencional e coordenada pelo olhar dos pesquisadores, mas sem perder de vista as subjetividades dos entrevistados.

Esse procedimento metodológico é assumido pela equipe na perspectiva adotada por Breton (2022:11), qual seja: a de se constituir uma “modalidade estruturada de interrogação e questionamento do real” que, para o autor, baseia-se num regime de abordagem integrada em três tempos: exploração, interpretação e constituição.

Este mesmo autor, em publicação anterior (Breton, 2020), esclarece que dois princípios de reciprocidade são importantes para compreender as narrativas: o primeiro tem relação com a reciprocidade entre as leis que orientam a constituição dos pontos de vista dos sujeitos sobre o mundo e aqueles da composição das narrativas que eles elaboram sobre tais perspectivas; o segundo é atinente às formas como se constitui essa narrativa, mostrando as relações entre o vivido e o narrado. Assim, para se compreender como se estabelecem os três tempos e, especialmente, o da constituição é preciso considerar que:

Estabelecer (ou restaurar) o status da experiência dentro de uma epistemologia, no entanto, pressupõe trazer à luz os processos pelos quais a experiência passa para a linguagem, encontra-se configurada em uma narrativa e, em seguida, examina as leis de composição das histórias para estudar o que elas apresentam dos processos de formação e constituição dos “pontos de vista” do sujeito sobre sua experiência e sua existência (Breton, 2020: 1142).³

Segundo essa perspectiva, a constituição tem relação direta com a tematização dos conteúdos e dos processos narrativos (Breton, 2020).

No entanto, é importante esclarecer que, na pesquisa em curso, no momento de elaboração do roteiro que orientou as entrevistas, ainda não havia sido publicado o livro de Breton, o que significa que tal roteiro foi orientado pelas dimensões empíricas basilares do projeto. Isso significa que a interpretação das narrativas foi baseada nos fundamentos metodológicos do autor, mas não a elaboração do roteiro que orientou o registro das narrativas.

Os cidadãos a serem entrevistados foram escolhidos segundo os seguintes critérios: seus locais de residência (área central/pericentral ou periférica) e as tipologias habitacionais correspondentes (grandes ou pequenos conjuntos habitacionais, loteamentos populares, bairros residenciais tradicionais, edifícios, espaços residenciais fechados, áreas de ocupação irregular); gênero (homem ou mulher); e os perfis etários (jovens de 18 a 29 anos, adultos de 30 a 59 anos e idosos acima de 65 anos). Esses critérios foram estabelecidos pela equipe de pesquisadores a partir de conhecimentos prévios sobre os contextos socioespaciais da pesquisa, obtidos pelas leituras de trabalhos já publicados sobre as áreas urbanas, por pesquisas anteriores e pelos trabalhos de campos preliminares levados a cabo no primeiro ano da pesquisa. Foram, assim, definidos os Quadros 2 e 3 com a distribuição geral dos entrevistados:

³ Tradução livre de: "L'instauration (ou la restauration) du statut de l'expérience au sein d'une épistémologie suppose cependant de mettre au jour les processus par lesquels l'expérience passe au langage, se trouve configurée en récit, puis d'examiner les lois de composition des récits pour étudier ce qu'elles révèlent des processus de formation et de constitution des « points de vue » du sujet sur son expérience et son existence".

Quadro 2. Perfis de cidadãos e tipologias habitacionais populares

Perfis/Habitats	Homens jovens	Mulheres Jovens	Homens adultos	Mulheres adultas	Homens ou mulheres Idosos	Total
Grandes conjuntos habitacionais (acima de 500 casas)	1	0	1	1	1	4
Pequenos conjuntos habitacionais (abaixo de 500 casas)	1	0	1	1	0	3
Grandes condomínios verticais populares (acima de 500 unidades habitacionais)	2	1	2	1	0	6
Pequenos condomínios verticais ou horizontais populares (abaixo de 500 unidades habitacionais)	1	0	1	1	0	3
Bairros tradicionais	1	1	1	0	1	4
Irregulares (ocupações, favelas...)	1	1	1	1	0	4
Total						24

Fonte: Extraído de Góes et al. (2022).

Quadro 3. Perfis de cidadãos e tipologias habitacionais de renda média e alta

Perfis/Habitats	Homens ou mulheres jovens	Homens ou mulheres adultos	Homens ou mulheres idosos	Total
Condomínios verticais de médio e alto padrão	1	1	1	3
Grandes espaços residenciais fechados de médio e alto padrão (acima de 100 casas)	1	1	1	3
Pequenos espaços residenciais fechados de médio e alto padrão (abaixo de 100 casas)	1	1	1	3
Bairros tradicionais abertos de médio e alto padrão	1	1	1	3
Total				12

Fonte: Extraído de Góes et al. (2022).

A pesquisa qualitativa não tem a prerrogativa de ser estatisticamente representativa do universo estudado, pois seu objetivo é a interpretação e análise do conteúdo das falas e, portanto, sempre há limitação em relação à capacidade de fazer grande número de entrevistas e depois analisar o material produzido. Logo, não há padrão da quantidade de entrevistados definido *a priori*, cabendo essa escolha aos próprios pesquisadores no momento da pesquisa.

As tipologias habitacionais e os perfis dos cidadãos foram, assim, delimitados a fim de abarcar uma certa diversidade face ao conjunto das cidades onde a pesquisa foi realizada, de forma a possibilitar uma comparação.

Por essa razão, os quadros apresentados foram tomados na pesquisa como base, de tal modo a se obter condições para a comparação entre as cidades estudadas, mas não foram tomados de modo rígido, porque o contato com a realidade possibilitou observar que nem sempre a tipologia proposta contemplava toda a diversidade habitacional das áreas urbanas estudadas – este foi o caso, por exemplo, dos dois bairros periféricos da área metropolitana de São Paulo. Ou, ainda, em algumas cidades menores e menos complexas do ponto de vista da estrutura socioespacial, alguns dos tipos previstos nos quadros não existem ou não são relevantes para se compreender dado espaço urbano – em algumas situações, por exemplo, não havia ocupações ou espaços residenciais fechados.

As entrevistas foram gravadas e realizadas com o auxílio de um roteiro predefinido com questões que se desdobram segundo as dimensões empíricas escolhidas: habitação, consumo, lazer, trabalho e mobilidade.⁴ Elas foram precedidas por uma orientação geral acerca dos objetivos da pesquisa e da solicitação de concordância dos respondentes sobre sua participação e sobre a gravação do áudio, esclarecendo que a identidade do participante permaneceria em sigilo. A concordância é solicitada novamente ao final, quando são feitos os agradecimentos. Questões introdutórias foram feitas com o objetivo de detalhar o perfil do participante e, ao mesmo tempo, deixá-lo mais tranquilo em relação ao teor da entrevista. Ao final, indagações gerais também foram feitas, vinculadas sobretudo às percepções sobre a cidade como um todo.

Os trabalhos de campo, também tradicionais nos estudos urbanos, têm sido o meio para a produção de dados e compreensão das dinâmicas, de modo a poder identificar semelhanças e diferenças nas pesquisas comparadas que possibilitem uma leitura mais ampla da realidade urbana. Esses trabalhos possibilitam a realização das entrevistas com cidadãos e as observações, necessárias à apreensão dos objetos e sujeitos pesquisados.

Partindo da ideia de Santos (1996) de que a empiricização do tempo se realiza no espaço, buscamos selecionar dimensões empíricas que oferecessem elementos para o reconhecimento das práticas espaciais no cotidiano urbano. Para isso, temporalidades e espacialidades típicas deste cotidiano foram priorizadas no roteiro das entrevistas com cidadãos que remetem, geralmente, aos modos como está sendo vivida a cidade espaço-temporalmente no período atual. No entanto, elas foram cotejadas com informações relativas ao passado dos entrevistados trazidas espontaneamente por eles ou estimuladas pelo entrevistador, além do que já previa o roteiro, sempre que a fala deles possibilitasse a observação de uma relação ou de um fato que parece novo ao entrevistador. Igualmente, ao serem estimulados a falar sobre as mudanças observadas nas cidades em que vivem, nos últimos dez anos mais ou menos, eles nos oferecem base para articular os tempos curtos aos mais extensos, os espaços de hoje aos que eles viviam antes etc.

Assim, consideramos que a metodologia proposta oferece elementos para apreender múltiplas temporalidades e espacialidades, tanto aquelas relativas à cidade como as atinentes aos diferentes cidadãos que colaboraram com a pesquisa.

4. Uma metodologia para interpretação de entrevistas

Parte considerável dos pesquisadores que estão à frente dessa pesquisa já trabalhou com entrevistas e procedeu à interpretação das narrativas, agrupando as falas dos entrevistados segundo diferentes pontos de vista e diferentes recortes. Na pesquisa atual, em que a análise está associada a quatro planos analíticos diferentes, no entanto, pareceu muito importante que os modos de ordenar, seccionar, selecionar e agrupar as narrativas tivessem relação direta com o objetivo estabelecido para cada um desses planos.

Iniciativa nessa direção já foi estruturada no âmbito do Plano Analítico 3 – Espaços públicos (Góes et al., 2022). Outras formas de leitura e interpretação de entrevistas foram ou estão

⁴ O roteiro pode ser consultado em Góes et al. (2022).

sendo levadas a cabo por vários membros da equipe associados a outros planos analíticos, mas segundo recortes que eles elegeram para a análise ou em função de suas trajetórias de pesquisa, ou em decorrência de temas centrais propostos em chamadas de eventos ou revistas científicas.

Restava o desafio de realizar, de modo mais abrangente, a leitura e a interpretação das entrevistas, cujos recortes não tivessem sido estabelecidos pelos pesquisadores segundo seus interesses e oportunidades, mas sim embasados com a finalidade de seccionar e interpretar o que emergisse da própria narrativa, surpreendendo, de certo modo, os pesquisadores e oferecendo, eventualmente, novas perspectivas para a análise. Este ponto é central para compreender a proposta descrita nesta seção do texto, uma vez que, mesmo conscientes dos objetivos da pesquisa, os pesquisadores optam pelo caminho de descobrir nas narrativas formas outras de fazer a leitura da realidade, sejam elas voltadas a estes objetivos, sejam elas portadoras do novo, compreendido aqui o reconhecimento de dimensões, aspectos e matizes que não tinham sido evocadas, seja na etapa da elaboração do projeto, seja na estruturação da metodologia da pesquisa.

Ademais, pesquisadores associados ao Plano Analítico 2 – Práticas espaciais e cotidiano – deram-se conta do caráter transversal deste plano em relação aos demais. Em outras palavras, para abordar práticas espaciais e cotidiano impunha-se a valorização de todas as dimensões empíricas eleitas para a pesquisa e, portanto, os pesquisadores estavam diante do desafio de não apenas ler, mas analisar o conjunto das narrativas, sem poder, a partir da leitura, valorizar, de antemão, algumas partes das falas dos sujeitos. Assim, para a análise do Plano Analítico 1 – Centro, centralidade e mobilidade –, as questões afeitas sobre os meios de transportes e a frequência deles contêm o cerne da análise; para o Plano 3 – Espaços públicos –, as respostas dadas às questões relativas ao lazer são as mais importantes; para a análise do Plano 4 – Produção e consumo da habitação –, o conjunto de respostas do entrevistado sobre sua moradia são as mais relevantes. Isso não significa, em nenhuma das três situações, que os pesquisadores devam ater-se apenas aos trechos mais imediatamente correlatos. Efetivamente, outra forma de olhar mostrou-se imperativa para a compreensão das relações entre práticas espaciais e cotidiano.

Ao realizar a leitura das entrevistas, observamos alguns cuidados importantes para que a interpretação não fosse fortuita, mas dirigida, ainda que na forma como essa leitura é feita seja possível, tanto nas respostas dadas como nas relações entre elas, capturar aspectos que não estavam em tela quando o roteiro da entrevista foi realizado. Destaca-se, pois, a liberdade dos entrevistados de divagar, derivar, abstrair ou ignorar o que foi perguntado, assim como evocar aspectos que não estavam presentes ou que seriam perguntados mais adiante segundo o roteiro. De igual modo, muitos dos entrevistados nunca haviam pensado, de maneira intencional e racionalizada, acerca de vários dos temas que lhes eram dirigidos, de forma que as respostas são produto do encontro oportunizado pela entrevista e da capacidade dos cidadãos de refletir naquele momento sobre os aspectos diversos presentes no diálogo.

A observação das dimensões empíricas procurou contemplar a temporalidade dos fatos, a espacialidade deles, a natureza das experiências vividas e as inferências que podiam ser feitas a partir das dinâmicas de configuração espacial de cada cidade. Este modo de extrair das narrativas aspectos relevantes, do ponto de vista analítico, sem cair na situação de pinçar delas o que interessaria para comprovar uma tese pré-elaborada, levou em consideração as sugestões de Breton:

(...) o exame das formas narrativas relativas à expressão do vivido constitui um meio, uma maneira, um conjunto de procedimentos documentados cujo desafio é mobilizar a experiência vivida para gerar conhecimentos que são dependentes, em seu modo de existência, da narração e da narrativa de si mesmo (Breton, 2022: 153).⁵

A *categoria temporal* dos fatos vividos é a primeira enunciada pelo autor, que sugere que a estrutura temporal da narrativa tem de ser reconhecida e é sobre ela que as outras se

⁵ Tradução livre de "(...) l'examen des formes narratives participant de l'expression du vécu constitue un moyen, une manière, un ensemble de procédés documentés dont l'enjeu est de mobiliser l'expérience vécue pour générer des connaissances qui sont dépendantes, dans leur mode d'existence, de la narration et du récit de soi".

desenvolvem, na direção de se apreender a sequência dos fatos narrados com o objetivo de efetuar os necessários desdobramentos diacrônicos, o que para ele pode designar diferentes escalas do vivido e os intervalos observados (Breton, 2022). Nessa direção, o autor valoriza uma certa linha do tempo que se constitui como contexto, no âmbito do qual a narrativa deve ser interpretada pelo pesquisador.

Tendo em vista o destaque dado pelo autor à importância das escalas do vivido, consideramos que seria mais adequado nomeá-la como *categoria espaço-temporal* e assim contemplar também a dimensão espacial do cotidiano e das práticas, articulando-a à temporal. Esta compreensão tem, provavelmente, relação com as diferenças entre a formação e trajetória de pesquisa do autor que tomamos como base (Educação) e nós autores deste texto (Geografia). Ela é apoiada na perspectiva de que o espaço não é apenas um ambiente no qual os processos, dinâmicas e fatos se estabelecem e se sucedem no tempo, mas é parte deste movimento, tanto oferecendo as condições para tal como revelando-as. Assim, partimos da posição de que:

(...) ora, o espaço não é apenas um recipiente, mas também e sobretudo um conteúdo da experiência social: um conjunto de recursos e restrições materiais, imateriais, ideais, de dimensões variadas que, ao mesmo tempo, cercam o sujeito que incorpora, sob a forma de esquemas mentais, sistemas de ideias, normas, prescrições, repertório de práticas (Lussault, 2009: 26-27).⁶

Foi a partir desse ponto de vista que consideramos necessário o pequeno ajuste na proposta de Breton (2022), ampliando a categoria temporal proposta por ele para *categoria espaço-temporal*.

Para valorizá-la, ao analisar as entrevistas, buscamos, primeiramente, por meio de uma leitura completa da transcrição, observar a sequência das experiências vividas pelo entrevistado: onde nasceu, em que lugares ou cidades viveu, se passou ou não por cidades de diferentes tamanhos e importâncias; quais experiências de trabalho vivenciou, se elas vinculam-se ou não à evolução de sua escolarização; em que tipos de moradia viveu, como e quando passou da condição de locatário para proprietário, de ilegal a legal, se for o caso, etc.

Enfim, de vários pontos de vista, buscamos compor mentalmente ou mesmo organizar em quadros a *linha do tempo* de cada entrevistado que, no decurso da entrevista, não se apresenta sequencialmente, uma vez que o roteiro está organizado pelas dimensões empíricas valorizadas na pesquisa – habitação, lazer, consumo, trabalho e mobilidade – e não foi feito especificamente para recuperar a história de vida dos entrevistados.⁷ Todo o esforço de proposição de uma metodologia analítica, aliás, é decorrente das diferenças entre a lógica que orientou o roteiro da entrevista e aquela que queremos empreender para sua interpretação.

A segunda categoria é a *experencial*,⁸ em que a natureza das experiências vividas e as suas repercussões são analisadas segundo a importância que têm na narrativa, devendo a atenção do pesquisador voltar-se a aspectos da vida cotidiana e, sobretudo, da narrativa enunciada sobre ela, como repetição, acumulação, aceleração, desaceleração, inércia, saturação, transição. Essas observações possibilitam ao pesquisador verificar persistências, tendências, mudanças rápidas ou graduais e evidências de naturalização de fatos e ações (Breton, 2022).

⁶ Tradução livre de: “Or, l'espace n'est pas seulement un contenant, mais aussi et surtout un contenu de l'expérience sociale : un ensemble de ressources et de contraintes, matérielles, immatérielles, idéelles, de tailles variées qui tout à la fois entourent l'acteur individuel et que celui-ci incorpore, sous la forme de schèmes mentaux, de systèmes d'idées, de normes, de prescriptions, de répertoire de pratiques”.

⁷ Históricas de vida são, aliás, o tema central das pesquisas feitas por Breton, razão pela qual há grande valorização dessa temporalidade.

⁸ É importante destacar que a bibliografia sobre experiência histórica e experiência urbana é extensa, mas não será objeto de debate neste texto, visto que tomamos aqui a expressão “categoria experencial” nos termos adotados por Breton. Ademais, consideramos que há diferenças entre o método de investigação e o método de interpretação, nos termos propostos pelo geógrafo Armando Corrêa da Silva em suas aulas. Há, também, na relação entre investigação e interpretação, identidade com a ideia de Moraes e Costa (1984) de distinguir método de pesquisa de método de interpretação.

É a *linha do tempo* composta por meio da primeira categoria, a *espaço-temporal*, que possibilita a *seleção e os agrupamentos* para contemplar a *categoria experiencial*. Assim, valorizada a primeira categoria e efetuado o esforço de reconhecer uma sintética trajetória de vida do entrevistado, já é possível, ao fazermos uma segunda leitura e após o reconhecimento feito na primeira, selecionar os aspectos que foram os mais valorizados pelo entrevistado, ou porque atravessam o conjunto da entrevista, ou porque foram retomados em passagens que não eram, em princípio, destinadas àquele tema. Assim, tem sido frequente, por exemplo, o acesso à casa própria ser uma referência importante para os entrevistados do quadro “*hábitats populares*”, o que leva as suas narrativas a serem atravessadas constantemente pela necessidade de ver solucionado o problema habitacional e, portanto, pautadas num antes – locatários, favelados ou vivendo em domicílios cedidos etc. – e num depois – a segurança trazida pelo acesso ao imóvel próprio, os direitos a terem um endereço em contraposição ao período em que viviam em áreas ilegais etc.

Do ponto de vista das recomendações feitas por Breton, o antes e o depois representariam uma mudança rápida, quase uma ruptura na *linha do tempo* observada por meio da primeira categoria. Outros aspectos – por exemplo, a forma como apreendem as melhorias do bairro – teriam maior identidade com a ideia trazida pelo autor de observar mudanças graduais, muitas vezes acompanhadas de naturalização das condições precárias ou insuficientes dos meios de consumo coletivo na periferia das cidades, ou seja, infraestruturas, equipamentos e serviços públicos.

A *categoria inferencial* (ou relativa às inferências) é a terceira proposta pelo autor. A partir dela, é importante observar as *interpretações* produzidas pelo entrevistado, as quais possibilitam associar os fatos entre si por meio tanto de “*associações lógicas*” como da expressão de tensões na narrativa que revelariam dimensões sensíveis das experiências vividas (Breton, 2022).

Esta terceira categoria está sendo, em princípio, mais observada entre os entrevistados que moram na periferia mais pobre das cidades que entre aqueles agrupados no quadro dos *hábitats* de classe média e elite. Enquanto estes, com menor frequência, propõem-se a explicar ou criticar as lógicas ou estruturas espaciais, embora alguns o façam como mostraremos na seção 4, aqueles demonstram, com maior incidência, a assunção de uma posição política, buscando explicar as precariedades e insuficiências a que estão submetidos. Assim, fazem referência a chefes de família que olharam e a outros que não olharam para a periferia, a líderes comunitários que usaram o bairro para se lançarem na vida político-partidária, a decisões do passado que levaram à implantação de conjuntos habitacionais tão distantes das áreas da cidade mais adequadas à vida urbana etc. Entretanto, frisamos que tal atitude analítica ou crítica não comparece nas narrativas de todos os entrevistados que moram em *hábitats populares*, pois muitas vezes os problemas que vivenciam são naturalizados ou atribuídos à “*vontade de Deus*”. É fundamental, assim, do ponto de vista eleito em nossa pesquisa, reconhecer tendências, observar as exceções ou, mais que isso, as contratendências, para que a análise avance do plano dos cidadãos vistos como indivíduos, para aquele das relações entre sociedade e espaço, sob o processo contemporâneo de urbanização.

Uma linha de raciocínio que pode auxiliar a interpretação das narrativas é aquela que se estrutura a partir do cotejo entre as categorias experiencial e inferencial, pois nessa interface podemos, em tese, reconhecer contradições nos modos de representar e expressar oralmente as experiências vividas.⁹

Os procedimentos adotados, tanto para conduzir a pesquisa como para interpretar o material produzido e fundamentar a análise, têm que ser matizados à medida em que as realidades urbanas com as quais nos defrontamos apresentam suas singularidades, ainda que reforcem o caráter particular e diverso das cidades médias e das metrópoles na rede urbana e no quadro da urbanização brasileira.

⁹ Destacamos neste ponto a contribuição de Jean Legroux, que indagou sobre essa possibilidade quando do debate da primeira versão deste texto.

5. Narrativas: da descrição à interpretação crítica

A fim de dar materialidade ao caminho metodológico proposto para a interpretação das narrativas, em particular àquela feita a partir de entrevistas com cidadãos, vamos destacar, nesta seção do texto, do conjunto das mais de 200 entrevistas realizadas nas dez áreas urbanas da pesquisa, uma feita em Chapecó.¹⁰ Não vamos abordar os detalhes do modo de realização das entrevistas, os desafios durante a pandemia de Covid-19 e as necessárias adaptações feitas nos diferentes contextos socioespaciais. Estas informações foram relatadas e objeto de reflexão em Góes et al. (2022).

Retomamos Breton (2022) para dar destaque à experiência urbana dos entrevistados que nos é comunicada a partir de suas autonarrativas, ou seja, recomposições de suas vivências no contexto do encontro e do confronto promovido pela entrevista. Tendo em vista a realização de uma pesquisa sobre a fragmentação socioespacial experienciada pelos cidadãos em suas práticas espaciais cotidianas, nosso interesse primordial é dar-lhes voz e possibilitar-lhes construir uma fala sobre a realidade que eles apreendem. Para o autor, a realidade não existe senão a partir da experiência vivida e o momento da entrevista é um meio de captar o relato sobre esta experiência, ainda que não seja a experiência em si mesma.

É assim que vamos ao encontro de Rodrigo,¹¹ homem de 53 anos, morador de um pequeno espaço residencial fechado que fica encravado no bairro Passo dos Fortes, situado a nordeste do centro de Chapecó, em sua contiguidade. Nasceu nesta cidade e tem certo orgulho de seu pai ter sido partícipe das ações que promoveram mudanças após o trágico episódio da queima da igreja central e do linchamento na cadeia dos supostos responsáveis antes de ter havido qualquer julgamento.¹² Rodrigo parece concordar, portanto, com a ideia de que este momento marca uma inflexão da geo-história de Chapecó, demarcando o período anterior com suas características socioespaciais – de pequena cidade do interior, remota, fechada, provinciana, muito vinculada à vida rural – e o atual – de cidade média moderna, conectada, dinâmica e aberta, que passou a desempenhar papéis regionais importantes.

A narrativa *espaço-temporal* de Rodrigo dá conta de que ele é oriundo de uma família de renda mais alta. Com seus outros seis irmãos, tiveram muitas oportunidades educacionais e laborais. Essas possibilidades se materializaram, entre outras coisas, na compra do hotel, do qual ele e o irmão são proprietários e que respondia pela integralidade da sua renda até o advento da pandemia de Covid-19, pois ele só atuou como engenheiro nos cinco primeiros anos depois de formado. Também era de propriedade conjunta entre os irmãos o terreno onde ele construiu sua casa e hoje mora com a companheira e dois cachorros que, segundo ele, são como filhos.

A história da existência do condomínio, que transcrevemos a seguir, foi narrada por Rodrigo como uma boa oportunidade que a família teve de adquirir um terreno bem grande. Para nós, ela é denotativa de aspectos que são valorizados pelo entrevistado, uma vez que a eles deu muita ênfase em sua narrativa, revelando a *categoria experiencial*:

Foi oferecido, acho que foi um bom negócio na época. Na época meus irmãos que eram sócios do terreno eram menores de idade, então os maiores – a família é grande, são sete irmãos – então os mais velhos quiseram comprar para deixar aos mais novos; e apareceu a oportunidade, devem ter oferecido... não sei por que compraram, mas foi uma compra boa, porque é um terreno bem valorizado, bem localizado e com um tamanho que é quase uma chácara né? Então, apesar de a gente querer mudar alguma coisa, estou bem satisfeito morando aqui. [...] foi um construtor que tinha uma construtora bem conceituada na cidade; e ele, pelo que eu sei – eu vinha de bicicleta para cá, jogava bola – e ele já tinha a casa dele e um campinho de futebol que ele liberava, estava liberado para jogar bola... mas

¹⁰ Chapecó está situada no oeste do estado de Santa Catarina, a meio caminho entre a capital, Florianópolis, e a cidade de Posadas, capital da província de Misiones, na Argentina. Contando uma população estimada em cerca de 230 mil habitantes, Chapecó é um importante centro regional no Sul brasileiro, destacando-se na indústria de processamento de carnes, no comércio e nos serviços.

¹¹ Este nome é fictício e está sendo usado para preservar a identidade do entrevistado.

¹² Para mais informações sobre este caso, consultar Hass (2003) e Moraes (2014).

lembro que na época que eu vinha era estrada de chão, e aí ele comprou a área e transformou tudo em lotes, cercou, fez as ruas, lotes grandes, com mais de 1.800 metros quadrados... Então aí ele transformou essa área grande dele – eu não me lembro o tamanho – transformou nuns 20 lotes que ele foi vendendo e eu me lembro que minha família comprou um lote [...] eu era sócio de meus irmãos. Eu vinha muito aqui, depois, porque era um terreno bonito, era um terreno com mata nativa, e eu sempre gostei de floresta e tal. E eu andava aqui por dentro, estava cercado com tela, todos os terrenos eram cercados com tela, já veio assim desde a compra. Eu lembro que eu entrava e ficava andando aí dentro, pensando e tal. Uma vez eu trouxe um amigo e ele me perguntou: por que tu não constróis aqui? E eu falei, não, meu, né? Eu estava construindo num outro condomínio, mas aí eu fiz a proposta para meus irmãos, eles não queriam vender a parte deles. Enfim, eles toparam, aí eu vendi aquela casa que estava praticamente pronta naquele outro condomínio e, com o terreno já meu, comecei a construir aqui.

[Sobre a legalização do condomínio] Está em processo, é uma associação ainda, cada lote tem sua rua, por exemplo o meu é rua [...] O problema é que a gente está querendo transformar num condomínio justamente por isso, porque para poder se manter como condomínio com as porteiças fechadas. E no plano diretor da prefeitura existe uma rua atravessando ele de um lado e uma rua atravessando ele bem no meio; duas ruas né? O que logicamente acabaria com o condomínio e ficariam casas, bairro, então a gente está num processo de regularização e de tentar fazer um acordo com a prefeitura para fazer as ruas de outra maneira. Aquilo que seriam as ruas da prefeitura transformar num valor para que a gente faça a doação e compre as ruas e fique definitivamente o condomínio fechado, à maneira como tem que ser, protegido, seguro.

Essa fala de Rodrigo acerca da proteção que o condomínio oferece contrasta com os elementos *experenciais* narrados quando não os complementa. Primeiramente, há a vinculação com a mata e seus elementos associados na fala – o campo, as árvores, a floresta, o verde, a grandeza, os cachorros –, estabelecida pela possibilidade de ter um terreno com quase 2 mil m² dentro da cidade, além de uma chácara na zona rural sobre a qual não foram dados detalhes. Seja como for, tem destaque na fala dele essa necessidade de estar próximo ao verde das plantas e ao marrom da terra como condição de sua vida, pois “a gente não vive de prédio e asfalto”, como ele próprio comenta.

Essa valorização tem relação direta com a própria linha do tempo do entrevistado, pois Rodrigo é engenheiro civil formado e mestre em Ciências Ambientais, é uma pessoa bem-educada, preocupada com a temática ambiental, conhecedora da cidade de Chapecó e seus dilemas principais, em particular os que tangem à mobilidade e ao meio ambiente. Ainda assim, não deixa de reproduzir discursos comuns presentes na cidade que justificam ações de separação e segmentação social, como quando menciona o Efapi como lugar onde não moraria porque “não é um bairro muito legal”.¹³

Por outro lado, essa inquietação sobre a insegurança foi pontuada quando questionado sobre haver ainda algum elemento que justificasse a moradia naquele condomínio. Contraditoriamente, Rodrigo não relatou qualquer situação de violência ou algo que lhe pudesse causar insegurança, à exceção de uma menção vaga a um conhecido que já fora amarrado e assaltado. Mais intensamente ainda, não concordou com a ideia de que o bairro e mesmo a cidade de Chapecó sejam inseguros, inclusive não usa equipamentos de segurança complementares em sua casa, como os que costumamos ver em empreendimentos condominiais, e justificou a construção do muro ao redor do seu terreno no interior do condomínio – a fim de separar, portanto, sua casa das demais – pela necessidade de contenção dos cachorros, pontuando explicitamente que não o fez por razões de insegurança ou vontade de se isolar dos vizinhos. Seja

¹³ O Efapi é o maior bairro da cidade, abriga boa parte das agroindústrias e duas das maiores e mais importantes universidades da região, além de ter recebido inúmeros empreendimentos habitacionais do programa Minha Casa Minha Vida, programa de habitação popular vigente de 2010 a 2020. Constitui-se como subcentro e abriga zonas de renda elevada, além de ser prioritário para investimentos públicos e privados na região, em particular da área da saúde.

como for, a atitude de separação está posta assim como a reprodução do imaginário da insegurança que alimenta a fragmentação socioespacial.

Ao final da entrevista, Rodrigo ainda foi além na ênfase dada:

Não, de jeito nenhum! Não me sinto inseguro aqui não, acho que é uma cidade que... eu caminho aqui atrás do meu bairro, existe um loteamento para ser feito, só tem ruas asfaltadas e postes, terrenos vazios, e volta e meia você vê uma viatura da polícia militar passando, vendo se tem um carro parado, vendo quem é você, então de certa maneira... nós somos Brasil, não dá para desconsiderar isso. Mas dentro de nossa conjuntura, até tirando o Brasil fora, eu acho que a gente está numa cidade relativamente segura.

A experiência vivida socialmente ganha destaque quando Rodrigo menciona que “nós somos Brasil”, ou seja, o imaginário da insegurança nas cidades brasileiras (Sposito e Góes, 2013; Magrini, 2013) é transversal a todas as regiões do país, mesmo em lugares onde claramente isto não é um problema tão importante. Deste modo, ainda que Rodrigo não tenha relatado episódios concretos de violência que pudessem fazê-lo sentir-se inseguro, admite a existência disso como uma condição crônica brasileira, *inferindo* que sua realidade é oriunda de diferentes experiências partilhadas e, mesmo na cidade de Chapecó, segura em seu ponto de vista, a insegurança não deixa de ser um desafio a ser enfrentado.

A visão de Rodrigo acerca da cidade é, aliás, muito interessante, contendo aspectos de valorização do desenvolvimento dela nas últimas décadas em associação à crítica sobre aquilo que lhe desagradava, em particular a inexistência de um cinema adequado aos seus interesses de lazer, seja do ponto de vista da qualidade do som na sala de projeção, seja no que concerne à escassez de filmes que lhe agradam. Esta é uma das razões, por exemplo, pelas quais não vai ao *shopping center*, onde o cinema está instalado, com muita frequência, ainda que reconheça que esse empreendimento é um trunfo da cidade já que, no contexto brasileiro, ter um cinema é privilégio de metrópoles e de algumas cidades médias.

As inferências que Rodrigo faz ao analisar Chapecó, inclusive tecendo comparações com o país e mesmo com outros países, mostram sua capacidade de, enquanto cidadão, avaliar as coisas que acontecem na cidade e os direcionamentos que ela tem tomado, inclusive a partir de ações políticas:

Olha, acho que está melhor, tem *shopping*, tem cinema, três ou quatro salas de cinema, você tem opções de alimentação e restaurantes diferentes, tem comida japonesa para quem gosta, pizzarias das mais diversas e hotéis ótimos como tinha antigamente, tem hospitais, tem hospitais regionais ótimos, tem o SUS, tem o hospital da Unimed. Infelizmente minha esposa teve que usar, mas felizmente é um hospital do primeiro mundo, com atendimento e estrutura do primeiro mundo, então saí muito satisfeito, minha esposa esteve internada uma semana lá, fez duas cirurgias, saiu agora recentemente, então tem que frisar que nessa parte a gente está muito bem atendido, evoluiu muito. Meu pai foi um dos fundadores da cidade, ajudou a criar a cidade, a criar a igreja, a Chapecoense, o hospital Santo Antônio, onde [hoje] é a Unimed. Eu nasci lá. A gente tem faculdades, não sei quantas, já me falaram 40 ou 50, ensino à distância, enfim... Há 50 anos foi fundada a Unochapecó, acho que era Unoesc [...] tem a UFFS, uma federal que admite as pessoas que têm boas notas no Enem, sem vestibular, então acho que a questão de dar certo... as pessoas mais carentes também poder entrar numa universidade federal, bem legal ter a UFFS Chapecó. Então acho que a parte de saúde e educação evoluiu muito, acho que o aspecto urbano a gente tem estádio, está faltando um complexo esportivo maior, que [a cidade] tem uma estrutura muito ultrapassada. Tem um centro de eventos muito bom, então acho que tudo isso melhorou.

A terceira categoria proposta por Breton para interpretação das narrativas – a *inferencial* – está bastante explícita nesta passagem em que ele demonstra capacidade de fazer uma análise sobre as transformações recentes pelas quais a cidade passou, pontuando aspectos de diferentes naturezas – saúde, educação superior, diversidade comercial e de serviços, desigualdades socioeconômicas e oportunidades –, entrecruzando a evolução da cidade às ações de seu pai. Isso revela certa concepção da história urbana de Chapecó conduzida por aqueles que exerceram protagonismo no processo.

As inferências que Rodrigo faz ao analisar a cidade, inclusive tecendo comparações com o país e mesmo com outros países, mostram sua capacidade de, enquanto cidadão, avaliar as coisas que acontecem na cidade e os direcionamentos que ela tem tomado. O teor da narrativa revela que, por meio da entrevista, o próprio entrevistado é ensejado a compreender, avaliar e criticar, mostrando que, no processo de elaborar uma dada narrativa, ele revê sua trajetória em relação ao espaço que habita, ponderando aspectos de diferentes matizes que acompanham o movimento das transformações:

Eu diria que [de] negativo foi rápida a liberação de construção de mais de 12 pavimentos [nos edifícios]. Isso aconteceu cinco anos atrás, num *lobby* das construtoras junto com a Câmara de Vereadores, aprovaram a construção, hoje tem orçamentos aí para a construção de 40 andares. Não sei se se deram conta, mas eu sou engenheiro civil e falava com meus colegas que vai gerar um adensamento do trânsito. Tem um prédio ali na [rua Quintino] Bocaiúva que o nome dele é Bocaiúva mesmo, que tem 300 apartamentos, então imagina 300 carros, garagem para 300 carros, e se sai mais um e outro, e outro do lado, como vai fazer? São ruas apertadas. Então agora, houve um movimento, os bombeiros estão começando a exigir algumas coisas para se mudar no Plano Diretor mas acho que o trânsito do centro piorou muito nesses anos, piorou com essa liberação de patamares mais altos, mas piorou também com o crescimento da cidade, espero que aquele plano de mobilidade, a prefeitura tem aquele plano todo na mão, mas não está executando. Por exemplo, as [direções] binárias da [avenida] Fernando Machado e Nereu Ramos eram para estar funcionando. Espero que se coloque logo em prática. Mas, de modo geral, creio que a maioria das coisas – sem contar espaços públicos e ciclovias, e o trânsito que tem –, acho que a maioria das coisas melhoraram.

De outro lado, como pesquisadores que analisam a narrativa produzida, na relação entre entrevistador e entrevistado, é fundamental não tomar seu relato como completo ou verdadeiro em princípio, razão pela qual as entrevistas, no âmbito da pesquisa, não deve ser base exclusiva para qualquer análise. Assim, outras perspectivas devem ser acionadas, oriundas de material e interpretações decorrentes de trabalhos de campo exploratórios que levam o pesquisador, mais que perambular pela cidade: a buscar apreender a lógica que a comanda; a coletar dados disponíveis sobre desigualdades socioespaciais e disposição de meios de consumo coletivo no espaço urbano; a elaborar representações cartográficas capazes de expressar recortes da realidade valorizados; a apropriar-se de outras narrativas registradas por meio dos Grupos Focais ou dos textos contidos em redes sociais, capturados pela netnografia etc. Esta seria a atitude do pesquisador que, ao relacionar matérias de diferentes naturezas e, a partir delas, interpretar a narrativa do entrevistado, possibilita reconhecer que, ainda que bastante conhecedor da cidade, a experiência urbana de Rodrigo, por sua autonarrativa, restringe-se à parte central da cidade. Mesmo os problemas mais graves apontados por ele têm a ver com aspectos negativos do centro: verticalização intensificada e trânsito congestionado por exemplo. Sabemos, pelo andamento da própria pesquisa, pelas falas de outros entrevistados e pela execução dos outros procedimentos metodológicos,¹⁴ que a cidade de Chapecó enfrenta inúmeros problemas diferentes, em particular vinculados à precariedade do transporte coletivo, à inexistência ou precariedade de espaços públicos na periferia, às disputas pelo espaço público do centro, às ações de controle social impostas pela prefeitura, ao isolamento de determinados bairros – como Progresso, Vila Rica, Trevo e partes do Efapi – face ao conjunto da cidade, entre outros. Esses problemas ultrapassam em muito o que foi mencionado por Rodrigo e colocam em questão, não só para ele, mas para o conjunto dos cidadãos, a existência de uma efetiva partilha da cidade assim como as condições de enfrentar coletivamente os desafios vivenciados.

Ao tratar da fragmentação socioespacial, estão em tela os isolamentos produzidos no interior da cidade: no plano das características do tecido urbano, que autorizam, por exemplo, espaços residenciais fechados – condominiais ou não – no meio de bairros e interceptando vias ou novos loteamentos na periferia em descontinuidade com o ambiente construído consolidado; em termos de práticas espaciais dos cidadãos restritas a determinadas zonas específicas; e relativos aos imaginários sociais que reproduzem visões e discursos sobre a cidade e suas partes que, por

¹⁴ Sobre outros procedimentos utilizados na pesquisa, consultar Góes e Melazzo (2022).

um lado, reforçam estigmas e, por outro, contribuem para a permanência de representações da realidade nem sempre vinculadas às efetivas características que a cidade tem.

Ademais, ao analisar as narrativas registradas, é necessário relacionar os espaços-tempos do entrevistado àqueles da cidade em que vive e aos mais amplos, os correspondentes ao processo de urbanização no período atual. Logo, é fundamental pensar que a globalização, expressão mais adotada no discurso científico e midiático brasileiro, tem de ser compreendida não apenas no plano econômico, tampouco como redução do papel do Estado, resultante da revolução liberal, como destaca Mongin (2006), pois tem entrecruzamentos com outros planos –cultural, político, migratório, jurídico, territorial–, ainda que nem sempre haja superposição entre eles numa lógica causal. Por essa razão, é fundamental, ao se reconhecer as três categorias propostas, caminhar do singular para o plural, do individual para o coletivo, da microescala para a macroescala e refazer o caminho de volta no pensamento, na direção de uma espiral capaz de reconhecer relações, tensões, multidimensões e contradições reveladoras das transformações atuais.

6. Síntese

Ao tratar da fragmentação socioespacial, estão em tela os isolamentos –nunca absolutos – produzidos nas cidades e experienciados pelos cidadãos em suas diferentes práticas espaciais. Passar da análise das formas espaciais à dos conteúdos sociais têm sido um desafio das ciências sociais há décadas. Soja (1996) já comentava, por exemplo, da facilidade com que os geógrafos interpretam as materialidades visíveis, não raro conseguindo associá-las de modo interessante aos conteúdos mentais oriundos de planos, projetos e teorias espaciais. Porém, para o autor, os conteúdos vividos ainda carecem de melhor aprofundamento na medida em que se trata de experiências. É a este desafio que a pesquisa na qual este texto se apoia tenta responder.

Apresentamos, assim, uma possibilidade de interpretação dos conteúdos das entrevistas, complementando os esforços já feitos para sua execução e já publicados em diferentes formatos. Como se pode constatar, trata-se de um esforço de grande envergadura, sobretudo considerando o universo de entrevistas feitas e a variedade de condições socioespaciais a serem desveladas.

Apresentamos aqui apenas uma proposta oriunda da análise de uma entrevista feita numa das cidades da pesquisa, mas reconhecemos seus limites em termos de abrangência das experiências e das autonarrativas trazidas ao debate, assim como a falta de comparação com outros casos e cidadãos entrevistados. São limites impostos pelo formato do texto e que serão enfrentados posteriormente em outras formas de publicação.

Este enfrentamento será mais ou menos bem-sucedido, conforme a capacidade que tenhamos de reconhecer, em cada entrevista, as três categorias propostas por Breton (2022) e, simultaneamente, delas extrair tendências e contratendências portadoras da possibilidade de compreender a cidade, tensões de transformações que revelam mais ou menos a passagem da lógica centro-periférica para a fragmentária, na condução do processo de produção do espaço urbano. Práticas espaciais e cotidianos, no caso de uma pesquisa como a que gera as reflexões trazidas neste texto, não têm sentido do ponto de vista dos cidadãos vistos como indivíduos, mas ganham relevância na perspectiva das relações entre eles e os espaços urbanos que habitam, reconhecidos por nós não apenas como ambiente de suas vidas, mas como dimensão do processo constitutivo delas.

Referências

BRETON, H. (2020). L'enquete narrative: entre description du vécu et configuration biographique. *Cadernos de Pesquisa*, v. 50, p. 1138-1158, out/dez.

_____ (2022). *L'enquête narrative en sciences humaines et sociales*. Paris: Armand Colin.

GÓES, E. M.; CATALAO, I.; FURINI, L. A.; VERISSIMO CATELAN, M. J.; OLIVEIRA MAGRINI, M. A. e SPOSITO, M. E. B. (2019). *Consumo, crédito e direito à cidade*. Curitiba: Appris.

GÓES, E. M. e MELAZZO, E. S. (Org.) (2022). *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização*. Rio de Janeiro: Consequência.

GÓES, E. M., SPOSITO, M. E. B., MILANI, P. H., CATALÃO, I., MAGRINI, M. A., SANTOS, R. R., SOUZA, M. V. M. (2022). Entrevistas com cidadãos: perspectivas para a análise das práticas espaciais sob a lógica fragmentária. In: GÓES, E. M., MELAZZO, E. S. (Org.). *Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização* (pp. 71-122). Rio de Janeiro: Consequência.

HASS, M. (2003). *O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956*. Chapecó: Argos.

LUSSAULT, M. (2009). *De la lutte des classes à la lutte des places*. Paris: Bernard Grasset.

MAGRINI, M. A. de O. (2013). *Vidas em enclaves: imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MONGIN, Olivier (2006). *La condición urbana: la ciudad a la hora da mundialización*. Buenos Aires: Paidós.

MORAES, C. (2014). Espaços e relações de poder em Chapecó/SC na década de 1950. *Confins*, n. 21, art. n. 9646.

MORAES, A. C., COSTA, W. M. (1984). O ponto de partida: o método. In: MORAES, A. C; COSTA, W. M. (1984) *Geografia crítica: a valorização do espaço*, (pp. 26-34). São Paulo: Hucitec.

SANTOS, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

SOJA, E. (1993). *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1996). *Thirdspace: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places*. Oxford: Blackwell.

SPOSITO, M. E. B. (2018). *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos*. Presidente Prudente: Projeto de pesquisa, CNPq e FAPESP. Mimeo.

SPOSITO, M. E. B. e GÓES, E. M. (2013). *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo: Editora Unesp.

TURRA NETO, N. (2012). Pesquisa qualitativa em Geografia. In: Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), 12., Belo Horizonte, 22-28 jul. 2012. *Anais*. Belo Horizonte: Associação de Geógrafos Brasileiro (AGB).

Autora y autor.

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Universidade Estadual Paulista, Brasil.

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, geógrafa e mestra em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Realizou estágio pós-doutoral na Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne e foi pesquisadora convidada na Université Paris Cité, França. Professora titular do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Presidente Prudente, Brasil. Bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científica e Tecnológico (CNPq). Membro da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) e do Grupo de Pesquisa “Produção do espaço e redefinições regionais” (GAsPERR).

E-mail: mebsposito@unesp.br

Igor Catalão

Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil.

Doutor em Geografia pela Avignon Université, França, e pela Universidade Estadual Paulista, Brasil. Geógrafo pela Universidade de Brasília e mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Foi pesquisador convidado na Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, e na Université Paris Cité, França. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul. Membro da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) e do Grupo de Pesquisa “Produção do espaço e redefinições regionais” (GAsPERR).

E-mail: igor.catalao@uffs.edu.br

Citado.

BELTRÃO SPOSITO, Maria Encarnação e CATALÃO, Igor (2024). Da metodologia de pesquisa à análise do processo de fragmentação socioespacial em cidades brasileiras. *Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS*. N°27, Año 14, pp. 35-54.

Plazos.

Recibido: 15/12/2022. Aceptado: 20/07/2023.